

AS DIFICULDADES DE SE ENSINAR NA ERA DA INFORMAÇÃO

ALESSANDRO GOMES DE ARRUDA ¹
CLEMERSON DOS SANTOS MENDES ²

RESUMO: Este projeto tem por finalidade mostrar as dificuldades enfrentadas por professores em sala de aula para ministrar seus conteúdos, tendo como ponto desfavorável a grande quantidade de informações consumidas diariamente de forma descontrolada por toda uma sociedade.

O propósito também é demonstrar que existem várias ferramentas para que o docente possa utilizar para atingir a atenção necessária de seus acadêmicos. As novas tecnologias se transformam em mais um desafio para os professores, mais uma barreira que precisa ser vencida para se atingir o propósito da carreira de um docente “ensinar”. Por meio desta visão é clara a necessidade de se transformar a forma de dar aulas ou transmitir informações, para uma didática que se aproxima de um show, o conteúdo apresentado se transforma em arte; a arte se transforma em memória que será levada pelos anos posteriores na vida de um educando.

O professor passa a ter papel fundamental neste processo, a partir do momento em que ele coloca aos alunos que tais atividades em sala de aula são propostas e sugestões, e não uma imposição. A partir daí a dinâmica do processo se torna mais eficaz, pois o aluno se sente inserido no processo, sem uma sobrecarga que é muitos momentos pode se tornar constrangedora para ele.

PALAVRAS-CHAVE: Era da Informação; Ferramenta de Ensino; Oratória.

THE DIFFICULTIES OF TEACHING IN THE INFORMATION AGE

ABSTRACT: This project aims to show the difficulties faced by teachers in the classroom to minister their contents, having as an unfavorable point the large amount of information consumed daily in an uncontrolled way throughout a society.

The purpose is also to demonstrate that there are several tools that the teacher can use to achieve the necessary attention of their academics. New technologies become more of a challenge for teachers, another barrier that must be overcome in order to achieve the purpose of a teacher's career "teaching." Through this vision is clear the need to transform the way of teaching or transmit information, for a didactics that approaches a show, the content presented becomes art; the art becomes a memory that will be carried by the later years in the life of an educated one. The teacher starts to play a fundamental role in this process, from the moment he puts to the students that such activities in the classroom are proposals and suggestions, not an imposition. From there the process dynamics becomes more effective because the student feels inserted in the process without an overload that is many times can become embarrassing for him.

KEYWORDS: Information Age; Oratory; Teaching Tool.

¹ Professor Especialista, Curso de Jornalismo, Faculdade de Sinop – FASIPE, R. Carine, 11, Res. Florença, Sinop - MT. CEP: 78550-000. Endereço eletrônico: alessandrogomessinop@gmail.com

² Professor Especialista, Curso de Jornalismo, Faculdade de Sinop – FASIPE, R. Carine, 11, Res. Florença, Sinop - MT. CEP: 78550-000. Endereço eletrônico: clemersonsm@msn.com

AS DIFICULDADES DE SE ENSINAR NA ERA DA INFORMAÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Com o objetivo de discutir a utilização da oratória como uma ferramenta de ensino este artigo transita também pelas dificuldades que os docentes têm na hora de passar os ensinamentos em sala de aula.

Nos dias atuais o fluxo de informação é grande e intenso, e por consequência disso, o fluxo de informação consumido torna-se desenfreado. E para isso é necessário uma habilidade maior do docente em sala de aula para toda essa informação seja utilizada a seu favor, e o uso de algumas ferramentas torna-se importante, sendo a oratória uma delas.

É neste contexto que a oratória pode ser apresentada como uma prática pedagógica auxiliando o professor em sala de aula para atrair mais a atenção dos alunos.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

É notório que hoje as pessoas possuem maior facilidade para encontrar informações de qualquer tipo a qualquer momento que assim desejar, porém, o que se espera é justamente não reproduzir em sala de aula as informações que o aluno pode ter acesso a qualquer momento, em frente ao monitor de um computador tendo a necessidade apenas de acessar qualquer página da Internet. “Formar é muito mais do que puramente treinar”, Paulo Freire. Pode-se aqui também acrescentar além do treinamento a forma simples e pura de se transmitir a informação.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 30)

O que se busca ou o desejo neste momento é que o aluno “aprenda a aprender”. Tenha capacidade para discernir entre informações verdadeiras e falsas; com este processo ele comece a utilizar essas informações em seu cotidiano e a seu favor, seja na convivência familiar ou até mesmo no decorrer de suas funções em seu trabalho.

A evolução de nossa sociedade em suas diversas áreas corrobora para uma nova forma de educação, uma nova formação para seus educadores com o propósito final de atingir seus educandos. “Comunicar significa transmitir, tornar participante, entrar em contato com os outros, realizar uma das tarefas vitais do indivíduo. Comunicando, transmitem-se informações por meio de mensagens, utilizando um código.” Relata Maria Cristina Strocchi (Psicologia da Comunicação – pág. 103).

César Coll e Eduardo Marti debatem sobre o processo evolutivo da comunicação, onde benefícios e graves problemas podem existir devido a essas mudanças.

O armazenamento, o processamento e a transmissão de todo tipo de informação em velocidades cada vez mais altas e a custos cada vez mais baixos permitem uma circulação de informação escrita, audiovisual ou musical e um acesso a elas inimaginável há apenas alguns anos. (COLL, PALACIOS, 2004, p.422)

E ao mesmo tempo os autores apresentam uma visão que preocupa essa evolução se mal administrada.

Mas essa situação promissora também esconde seus perigos e suas limitações. Como aponta ironicamente Umberto Eco (1987), e muitas pessoas puderam experimentar navegando pela rede, o excesso da informação pode conduzir ao caos, ao silêncio. Apenas o estabelecimento de critérios de qualidade e de confiabilidade da informação, por um lado, e a organização e a interpretação dessa informação de acordo com esquemas significativos para cada pessoa, por outro, pode evitar que a sociedade da informação se transforme em uma sociedade caótica. (COLL; PALACIOS, 2004, p. 422)

A busca por uma nova formação deve ser focada em como os profissionais da educação estão qualificados para desenvolver seus conteúdos em salas de aula. Hoje o docente está a frente de pessoas que estão a todo o momento sendo bombardeadas com conteúdos e informações rápidas, por diversos sistemas de comunicação, internet, TV, rádio, jornais, celulares entre outros. Mas, principalmente a internet que é um sistema de informação muito dinâmico, cria em seu usuário uma carência de agilidade na recepção de dados.

Augusto Cury descreve a sociedade de hoje como uma detentora de grandes problemas devido ao grande bombardeio de informações que uma pessoa sofre diariamente, “excessos de estímulos da TV, da paranoia do consumismo, das pressões sociais e da competição excessiva”. Ainda segundo Cury “mente agitada, sofrimento por antecipação, sobrecarga do córtex cerebral, fadiga excessiva, déficit de concentração, esquecimento, dificuldade de contemplar o belo nos pequenos estímulos da rotina ou sintomas psicossomáticos” são características de pessoas que sofrem de uma síndrome identificada pelo autor como síndrome do pensamento acelerado. Este problema acaba resultando na falta de concentração de alunos ou acadêmicos, ainda em conversas paralelas onde acabam tumultuando todo o ambiente e dificultando ainda mais o desenvolvimento do trabalho docente em sala.

Posteriormente isso ocasiona uma dependência dessa forma de captação de informação dadas por TV's, rádios, internet entre outros. Essas características acabam dificultando ainda mais o trabalho do professor, neste caso fica a pergunta: como se igualar às novas tecnologias existentes, tanto em rapidez, quanto em forma atrativa?

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que não a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da “formação” do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto,

um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p.22)

Entre meios as palavras de Paulo Freire o educador poderá compreender a busca constante pela evolução de sua forma como profissional da educação. A cada momento de ensino pode se equivaler a um momento de aprendizado. Tendo em vista a mutação constante de seus alunos.

A tecnologia moderna reestrutura ainda mais profundamente a consciência e a memória, impondo uma nova ordem nas formas tradicionais de compreender e de agir sobre o mundo. De um lado essas tecnologias fixam lembranças de fatos concretamente vividos, por outro lado elas derrubam as barreiras entre os acontecimentos reais e a ficção de um modo subversivo. (KENSKI, 2003, p.87)

2.2 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

O tema proposto é debatido em todos os âmbitos da vida escolar; porém é com a educação superior que estudamos a saída de mais profissionais para o mercado de trabalho, tendo este uma preparação adequada para as funções que deverá executar. Quando atingimos esse ponto de discussão é que começamos a interpretar como fundamental uma preparação educacional qualificada durante o período acadêmico.

A seguinte definição pode ser adotada quando falamos em competência ser o conjunto de conhecimentos, habilidades, comportamentos e aptidões que possibilitam maior probabilidade de obtenção de sucesso na execução de determinadas atividades.

Quanto a habilidades podemos defini-la como as habilidades que estão associadas ao saber fazer: ação física ou mental que indica a capacidade adquirida. Assim, identificar variáveis, compreender fenômenos, relacionar informações, analisar situações-problema, sintetizar, julgar, correlacionar e manipular são exemplos de habilidades.

Estes dois pontos são citados no trabalho devido a sua importância no futuro de cada educando. A falta de uma boa preparação irá refletir de forma substancial no mercado de trabalho.

Em seu artigo “Ensino superior e desenvolvimento de habilidades para a empregabilidade: explorando a visão dos estudantes” Mônica Zulauf ressalta que existe uma grande distância entre o que as empresas precisam e o que é ensinado nessas instituições de ensino aos profissionais recém-saídos de uma universidade.

Os acadêmicos argumentam que os empregadores não são realistas ao apresentarem suas exigências no que diz respeito às habilidades que desejam que os candidatos aos empregos tenham (Bennett et al. 2000). Os empregadores, por outro lado, afirmam que há uma lacuna entre a concepção que os responsáveis pelo ensino superior têm sobre aquilo que os empregadores querem e o que eles realmente precisam; ao mesmo tempo, criticam a falta de participação dos estudantes na definição da agenda de habilidades a serem desenvolvidas (SMITH, 2002, p. 73).

Tanto empresa, quanto acadêmicos precisam de uma abordagem mais próxima as necessidades do mercado. Uma mesma língua deve ser falada entre os dois extremos, e o canal de comunicação responsável por aproximar esta linguagem cada vez mais, é o professor.

Na realidade, as competências significam uma retomada de princípios pedagógicos que já estavam presentes na tendência educacional denominada Escola Nova ou Renovada que colocou em prática a teoria educacional de Dewey, datada do final do século XIX. A Escola Nova tinha o propósito de inverter a ação pedagógica da Escola Tradicional, dando mais ênfase à ação do que à teoria, levando os alunos a encontrarem um significado nos conteúdos escolares, à medida em que a escola partia de suas motivações e interesses e não dos conceitos previamente estabelecidos. Para tanto, a criança deveria ser preparada, através do aprendizado da metodologia de resolução de problemas, a lidar com a mudança, a contingência, a incerteza de um futuro imprevisível. (GHIRALDELLI, 2000, p. 27)

O propósito de uma nova estrutura de educação está voltado a formação de um ser mais preparado para o mercado de trabalho. Um ser capaz e competente para enfrentar diversos tipos de situações. Pessoas que estão aptas a interagir em qualquer ambiente e principalmente em qualquer situação.

Deduzo, portanto, que, por serem competentes, tornam-se, naturalmente competitivas; isto é possuem condições de disputar os melhores espaços de atuação profissional no mercado de trabalho, não deixando de considerar dimensão ética. (VALENTE, 2002, p. 44)

A busca por uma nova formação deve ser focada em como os profissionais da educação estão qualificados para desenvolver seus conteúdos em salas de aula.

Arriscamos então, muito embora, reconheçamos que estamos em contínuo processo de mudança, que a noção de didática deva ser ressignificada, que o ensino deve ultrapassar o reducionismo da ótica estrita do saber, que o professor recupere sua auto-estima e se reconheça como um profissional importante na escola e para a escola, que a formação do professor vá além de sua natureza técnica e ultrapasse as fronteiras ligando-se aos saberes globais. Que o processo de formação, hoje, deve ser um permanente devir, investigativo, pesquisador, confrontando os saberes formais do conhecimento com os saberes informais das experiências dos professores no seu cotidiano. (SILVEIRA, 2000, p.02)

Hoje o docente está a frente de pessoas que estão a todo o momento sendo bombardeadas com conteúdos e informações rápidas, por diversos sistemas de comunicação, internet, TV, rádio, jornais entre outros. Mas, principalmente a Internet que é um sistema de informação muito dinâmico, cria em seu usuário uma carência de agilidade na recepção de dados. Essa característica acaba dificultando ainda mais o trabalho do professor em sala, como se igualar às novas tecnologias existentes, tanto em rapidez, quanto de forma atrativa.

É evidente que hoje as pessoas possuem maior facilidade para encontrar informações de qualquer tipo a qualquer momento, basta querer, porém, o que se deseja quando se fala em competência e habilidade, é justamente não apenas reproduzir em sala de aula as informações que o aluno pode ter acesso a qualquer momento, em frente ao monitor de um computador tendo a necessidade apenas de acessar uma simples página da Internet.

É tarefa do educador, todos os dias, de qualquer modo, de todos os jeitos, formar o jovem para ser sujeito, protagonista da sua história. Educar o jovem cidadão para ser melhor como gente, desenvolver sua humanidade, sua espiritualidade formando-o para participar ativamente do processo de transformação social. (BARROS, 2000, p. 01)

Ao falar sobre o assunto Regina Lúcia Barros Leal da Silveira é categórica em dizer da responsabilidade de mudanças no sistema didático convencional, e principalmente ter em mente que a sua postura social deverá ser mais apurada, para isso ela dá algumas dicas como: “Compreender os sujeitos, o aluno com sua subjetividade. Ter sensibilidade sobre a realidade de vida de cada sujeito, dos problemas cotidianos, com a atitude corajosa de enfrentamento dos desafios postos em sala de aula.” (BARROS, 2000, p. 04).

Ao analisar um pouco mais sobre o assunto, fica claro a importância de mudanças e inovações na formação de novos profissionais. “ser capaz de refletir sobre o seu saber – fazer, na perspectiva de propiciar aulas alegres, sérias, exigentes, utilizando diferentes métodos e técnicas, jogos e dinâmicas, saberes e linguagens, e códigos”. (BARROS, 2000, p. 04).

Sem um estudo constante das necessidades de aprendizado de nossos acadêmicos, será difícil aplicar em sala o que é realmente necessário para formar um profissional qualificado que estará presente em um mercado de trabalho tão concorrido e tão exigente. Cabe ao docente a missão de tornar constante essa reformulação do ensino, para que a educação se torne algo ainda mais interativo e principalmente atrativo que alguns sistemas que conquistaram os jovens.

A energia pulsante e potencialmente explosiva das inovações e transformações na sociedade atual criam novas exigências, não cobertas pela forma tradicional de se trabalhar e de se pensar educação. Em um mundo de velozes e constantes mudanças nas esferas do conhecimento é preciso que, sobretudo, o sujeito conheça a si mesmo para poder situar-se em meio aos novos e inesperados desafios que a sociedade tecnológica apresenta. Conhecer a si mesmo, conhecer suas próprias (antigas e novas) potencialidades e particularidades. Um movimento contínuo para formar-se através da comunicação permanente com os mais diversos elementos da natureza. Este é o grande desafio para as novas escolas, novas metodologias, novos mestres. (KENSKI, 2003, p. 92).

Seguindo por esse pensamento é importante que o docente busque uma nova didática, tenha um novo pensamento na arte de ensinar, para que a cada dia mais possa se prender a atenção de seus educandos.

2.3 ORATÓRIA

A oratória é uma ferramenta importante para o docente. Pode-se fazer uma análise da forma, estilo, características. E são elas que irão ficar marcadas na memória de cada aluno. É com a forma de se apresentar que fará com que as informações repassadas ao público fiquem gravadas na mente.

A maneira de ensinar de cada professor é construída ao longo do tempo, junto com a vida, através de interações frequentes com tantos outros “professores”, em situações escolares e fora delas... Durante toda a história de vida escolar o aluno tem os mais variados estilos de “professores”: reais ou virtuais (em livros, filmes, novelas, etc...) esses contatos mediados pela aquisição de conhecimentos criam laços afetivos – positivos ou negativos – que funcionam como marcas. Muitos desses professores tiveram suas presenças apagadas das memórias dos alunos, foram esquecidos. Outros, foram definidores nortearam caminhos e escolhas pessoais e profissionais, tornaram-se modelos, mitos, lendas. (COLL; MARTÍ, 2004, p.417)

A pergunta que se faz neste momento é se cada profissional da educação está atraindo a atenção de seus alunos, acadêmicos? Muitos podem pecar na arte da oratória, uma técnica discutida a centenas de anos, com isto gera cada vez menos interesse e atenção do público.

Em sala o docente enfrenta várias barreiras que tornam ainda mais difícil seu trabalho.

Os avanços na facilidade de acesso à informação que supõem as NTIC (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação) mostram seu verdadeiro alcance se levamos em conta que tais tecnologias não apenas proporcionam múltiplas e variadas informações, como se fossem bases de dados inesgotáveis, mas oferecem também a possibilidade de pôr em contato, sem nenhum tipo de restrição espacial ou temporal, uma infinidade de pessoas que compartilham os recursos básicos dessas conexões (telefones móveis ou computadores conectados a uma rede interna – intranet – ou uma rede externa). (COLL; MARTÍ, 2004, p.423)

Esta invasão de aparelhos tecnológicos em salas de aulas em muitos casos acabou se tornando negativo, pelo simples fato de atrair a atenção de quem os manipulam, resultando na falta de atenção aos assuntos ministrados.

É comum encontrar em sala de aula uma nova forma de comunicação entre os acadêmicos, a conversa paralela que existia no fundo das salas, evoluiu e hoje em seu lugar os grupos de bate-papos formados em alguns aplicativos existentes nos celulares como por exemplo: WhatsApp, Messenger, Facebook, Line e outros fazem com que eles utilizem o tempo em sala para ficarem respondendo as mensagens que são expostas ao grupo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evoluir em algumas áreas pode significar regredir em outras ou ser o primeiro passo para que isso ocorra. A tecnologia que é introduzida de forma rápida e fácil dentro das salas de aulas estão cada vez mais levando os acadêmicos a um erro fatal quanto ao aprendizado.

O tempo que deveria ser utilizado por este indivíduo dentro da sala de aula para descobrir, conhecer e entender novos assuntos relacionados ao conteúdo programático das aulas, acabam sendo consumidos por meio do celular para conversas via mensagens, acesso a internet para visualização de assuntos desnecessários e em grande parte não possuem relação com o tema apresentado em sala.

Vimos para afirmar que temos fé, declarando, com convicção que o mais importante é promover a liberdade para aprender, favorecer situações para que o aluno se descubra com o sujeito capaz, como protagonista de sua história individual e coletiva. Estamos aqui, para falar de desafios. Deste modo, precisamos recheiar os nossos cursos de otimismo, de saberes que fazem sentido, de informações atuais. Que se ensine o aluno a gostar de aprender, a ter prazer no que faz. (SILVEIRA, 2000, p. 02).

Estas novas tecnologias se transformam em mais um desafio para os professores, mais uma barreira que precisa ser vencida para se atingir o propósito da carreira de um docente “ensinar”. Por meio desta visão é clara a necessidade de se transformar a forma de dar aulas ou transmitir informações, para uma didática que se aproxima de um show, o conteúdo apresentado

se transforma em arte; a arte se transforma em memória que será levada pelos anos posteriores na vida de um educando.

Com isso, a contribuição possibilitada pelas técnicas de oratória, acabam por auxiliar o desenvolvimento oral dos alunos em sala de aula. Despertando os estudantes para novas possibilidades de comunicação e interação, o que os motiva a se libertarem de suas amarras comunicativas, que até então travava seu desenvolvimento de aprendizado.

O professor passa a ter papel fundamental neste processo, a partir do momento em que ele coloca aos alunos que tais atividades em sala de aula são propostas e sugestões, e não uma imposição. A partir daí a dinâmica do processo se torna mais eficaz, pois o aluno se sente inserido no processo, sem uma sobrecarga que é muitos momentos pode se tornar constrangedora para ele.

Afinal, o aluno que obrigado a falar na frente dos colegas, e o professor tem que entender e respeitar as dificuldades do aluno, seus medos, timidez e nervosismo.

Então cabe ao professor oferecer mecanismos para que essa oralidade venha através de um ambiente mais leve, descontraído e participativo.

REFERÊNCIAS

- CATANI, Denice Barbara [et al.]. **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação / 4. Ed.** – São Paulo: Escrituras Editora, 2003.
- CURY, Augusto Jorge. **Nunca desista de seus sonhos** – Rio de Janeiro: Sextante, 2004
- Desenvolvimento Psicológico e educação / organizado por César Coli, Álvaro Marchesi e Jesús Palacios; tradução Fátima Murad. – 2. Ed. – Porto Alegre: Artmed, 2004
- FREIRE, Paulo; **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. **Filosofia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- SILVEIRA, Regina Lúcia Barros Leal da – **Competências e Habilidades Pedagógicas**. Artigo - 2000
- STROCCHI, Maria Cristina; **Psicologia da Comunicação: manual para estudo da linguagem publicitária e das técnicas de venda** – São Paulo: Paulus, 2007.
- VALENTE, Silza Maria Pasello - **Parâmetros Curriculares e Avaliação nas Perspectivas do Estado e da Escola**, defendida na UNESP/Marília em 20 de junho de 2002.